

**O *Destino* e a malfadada *Escolha*, determinismo e caos: A propósito do Eu e do Outro<sup>1</sup>**

**The *Destination* and the malcontent *Choice*, determinism and chaos: By the way of I and the Other**

**Juliano Fontanari<sup>2</sup>**

Resumo: O autor, a propósitos de fragmentos da literatura – Kafka, Florbela Espanca, José Régio e Raul Seixas, discute padrões de tensões entre o ego e o ideal do ego no processo de subjetivação, criatividade e liberdade psíquica e supõe a existência de quatro padrões com diferentes manifestações clínicas.

Summary: The author, the intentions of fragments of literature - Kafka, Florbela Espanca, Jose Régio and Raul Seixas, argues standards of tensions between the ego and the ideal of the ego in the process of subjectivation, creativity and psychic freedom and assumes the existence of four standards with different clinical manifestations.

Descritores: Ego, Ideal-do-ego, existencialismo, epistemologia psicanalítica e Bion.

Keywords: Ego, Ideal of the Ego, existentialism, psychoanalytic epistemologie and Bion

---

<sup>1</sup>Trabalho iniciado em 2004 e concluído em 2007, inspirado nos estudos sobre psicanálise e poesia e na tensão entre estrutura e acontecimento.

<sup>2</sup>Médico, Neurologista e Psiquiatra (com registro no CREMERS), Mestre em Lingüística - PUC-RS, Psicanalista CEP-PA, Filiado a Neuro-Psychoanalysis Association, Membro Efetivo e Professor do CIPT.

O presente estudo revisa ludicamente fragmentos literários para sustentar a seguinte proposição geral: a psicanálise imita a vida e outra proposição mais específica: Toda literatura existencialista se ocupa do viver e ser vivido, da compulsão a repetição, do determinismo (determinado) e do novo (caos), com três – referiremos no final uma quarta possibilidade mas não exemplificada neste texto - possibilidades de solução. Os que só aceitam *o ser vivido* – sua vida está em demasia para um outro (aos quais os existencialistas fazem oposição ferrenha, veja-se a posição de Kafka contra *o ser vivido*), os que só aceitam e buscam incansavelmente o novo (os existencialistas mesmos – veja-se José Régio) e, por último, os perdidos (também existencialistas, mas diferente do anterior, acreditam que há um caminho, só que, como foram mal-sonhados, buscam alguém para sonha-los – veja-se Florbela Espanca e Raul Seixas). É bastante evidente a semelhança destes conceitos com o que conhecemos como clínica dos ideais em psicanálise – ideal de ego, superego, narcisismo, perversão. A outra idéia deste estudo é assinalar que, na clínica da vincularidade, estamos constantemente às voltas com a clínica dos ideais.

Com freqüência empregamos *Destino*<sup>3</sup> para significar sorte, fado, fortuna, referindo-se a fatos que constituem nossa vida, considerados derivados de causas independentes de nossa vontade. *Fado*, segundo os dicionários, procede da palavra latina *fatum* - fato - e é uma canção tipicamente lisboeta de índole lastimosa, fiandeira, carpideira, chorosa, saudosa e *fatalista*. Na hipótese menos saudosista, é uma serenata de estudantes de Coimbra lembrando uma balada. As origens do fado são ainda hoje uma incógnita. Surgiu talvez por volta de 1840, a partir do *fado do marinheiro*, uma cantiga entoada que remonta às grandes navegações e à saudade de casa, nostálgica – outra palavra, grega essa, impressionante: *nostos* (volta) e *algia*. Há estreita relação entre o fado e os grandes descobrimentos. A dor dos que ficavam; ver partir sem saber se voltariam a ver, é uma canção com timbre de sofrimento, dos desgostos de amor, da saudade e da alma navegadora lusitana. *Destino*

---

3 Fado de cada um - Bem pensado/Todos temos nosso fado/E quem nasce mal fadado/melhor fado não terá/Fado é sorte/E do berço até á morte/Ninguém foge por mais forte/Ao *Destino* que Deus dá/Meu fado amargurado/A sina minha bem clara se revelou,/Pois cantando seja quem for adivinha/na minha voz soluçando que eu finjo ser quem não sou/Bem pensado/Todos temos nosso fado/E quem nasce mal fadado/melhor fado não terá/Fado é sorte/E do berço até á morte/Ninguém foge por mais forte/Ao *Destino* que Deus dá/Tal seria poder um dia trocar-se o fado por outro fado qualquer/Mas agente já tem o fado marcado/E nenhum mais inclemente/do que esse de seres mulher /Bem pensado/Todos temos nosso fado/E quem nasce mal fadado/melhor fado não terá/Fado é sorte/E do berço até á morte/Ninguém foge por mais forte/Ao *Destino* que Deus dá - Silva Tavares

*Qualquer mal no caminho. Já na terra,  
Sofra s penas que as Parcas lhe fiam  
Desde o materno ventre. E a ser do Olimpo  
Habitador, mistério aqui se encobre:  
Deuses muito há que a nós se manifestam  
(Odisséia, VII, 154-155).*

*O Destino o que é senão um embriagado conduzido por um cego?* (Mia Couto - Terra Sonâmbula. 2ª ed. Lisboa: Caminho, 1996, p. 217).

vem do latim *de stinare* - onde *de* intensifica a palavra - e *stinare* é estacionário, estático, parado, imodificável, fatal, certo. Originalmente *destinare* significava fazer pontaria e o *Destino* seria o alvo. Persiste a expressão *dar o Destino certo a isso*. Primeiro então era um alvo, uma meta fixa, com o sentido de lugar para onde se dirige alguém ou algo, ou seja, meta a ser atingida; só depois se transformou num caminho que não pode ser modificado, na fatalidade, naquilo que é certo, fatal, aquilo que de fato é, no Real, o *factum*, fato, fado, *uma força que nos leva se não opusermos resistência ou nos arrasta se lhe opormos*. Obsessão, obstinado, diz-se daquele que insiste com o mesmo tino e timão.

Por outro lado, usamos a mesma palavra para indicar aquilo que acontecerá a alguém. Sabemos que vai acontecer, mas não é possível mudar. É a compulsão a repetição em Freud. O uso do fio (do *Destino*, a linha do *Destino*) como símbolo do *Destino*, da vida e da morte é culturalmente unânime. Desde os gregos, o simbolismo do fio, representado pelas Moiras<sup>4</sup> realça seu aspecto inexorável. Essa idéia de ligação é evocada, também, entre os gregos através do fio de Ariadne, elemento capaz de trazer Teseu de volta à luz, fazendo-o escapar da morte. A idéia é que somos marionetes dos deuses, presos a eles por fios. O contrato narcisista da Aulagnier é os fios com que nos amarramos aos lugares que temos de cumprir. Alguém tece e marca o tempo: Penélope; Moiras ou Parcas, inabaláveis fiam o tempo e nosso *Destino*, o fio da vida, a vida num fio; *Destinos tramados*. *Destino* seria um alento incompreensível e personificado que, na tragédia grega e no estoicismo, rege o devir universal, incluindo o curso da história humana, sem qualquer possibilidade de intervenção da vontade ou da antevisão do homem científico ou místico. Enquanto o determinismo se aplica, sobretudo aos acontecimentos naturais, o *Destino* é uma lei cega, fixada de antemão, que o homem não conhece e à qual está sujeito e não consegue escapar; significa recusa da liberdade, de nossa capacidade de colher, ex-colher. Voluntário *versus* involuntário, voluntário *versus* automático, vontade, *Escolha versus Destino*, certeza *versus* contingência, *Destino versus* liberdade, livre arbítrio e aqui o problema adentrou a metafísica.

Na *República*, *Láquesis* (uma das três Moiras) tem no seu regaço fichas para um sorteio quando cada alma deve escolher quem a acompanhará na sua existência, entre uma série de *Escolhas*, opções, cuja ordem foi tirada à sorte. Uma vez feita a *Escolha*, será inexorável. Platão busca uma conciliação entre *Destino* e *Escolha*: *Cada alma escolhe o seu Destino, mas o Destino escolhido é sem volta*. Com Pierre Simon Laplace, tal como a Natureza possui uma ordem determinada - determinismo físico - também os homens têm a sua sorte, seu *Destino* - Freud desenvolveu o determinismo psíquico - e nossa tarefa de vida é vencer o *Destino* ou pelo menos buscar um bom acordo com ele. Epicuro, que antecedeu em milênios a Kohut, mostra que temos um desejo profundo de liberdade individual, manifesto na crença natural no poder do elogio ou da censura e dos conselhos relativos à conduta, que pode nos tornar de um ou outro modo, implicando um fator de autonomia. Para ele, nós mesmos, sem verdades rigorosas, construímos nossas certezas, eis que nunca

---

4 Moira significa parte, lote, quinhão que cabe a cada um. *Cada um com sua cruz*. Moira significa parte, porção de território / o que convém a cada um. No pampa gaúcho usamos a palavra moerão como o poste, palanque que marca divisórias de terras.

se repete a mesma condição num mesmo tempo. Desiguais somos e desiguais viveremos, mas o *Destino* é individual, diz da constância de uma diferença. Entre o indeterminismo de Epicuro e o determinismo dos estóicos, ganha terreno o conceito de probabilidade que mais serve a Epicuro.

Quando Freud postulou algo que já estava dado, a estabilidade do aparelho psíquico, para logo – em décadas – descreve-lo com os vários contornos de sua obra, assumiu sua atitude primeira, determinista e positivista. As primeiras idéias estavam relacionadas à patologia e à compulsão à repetição; eis que a doença se repete e repete e repete mais ou menos do mesmo modo, embora possamos acrescentar um pouco mais um pouco menos. Pois a própria idéia de busca da descrição de uma regularidade estrutural implica necessariamente em estabilidade, mesmo que sejam das transformações e dos conflitos – os invariantes de Bion como descrito nas *Transformações*. Ainda hoje, para perdurarmos com a noção de conflito, dizemos que neurótico é todo aquele que mantém o conflito dentro do aparelho psíquico enquanto que nas demais *patologias*, inclusive nas neuroses de caráter, o conflito é externo e, para ser externo, as defesas têm de ser mais primitivas e comprometer a senso-percepção e o sistema de juízo preso às palavras. No primeiro caso a defesa é a repressão e nos demais a recusa e o repúdio. Se pudermos descrever um aparelho, dadas as condições iniciais, saberemos as finais; isso é, o *Destino*, o lugar aonde se chega ou, melhor, o lugar aonde sempre se chega. Então, conhecida uma organização, uma estrutura, poderemos fazer previsões e modelizar, criar modelos que nos informem se nossas regras iniciais – *pulsões* – e regras de transformação – *defesas* – estão adequadas o suficiente. Isto seria ciência e preencheria o critério de *refutabilidade*.

É claro que, desde sempre, é indiscutível que o aparelho psíquico é estável, mas com excessos de hipóteses *ad hoc*. É estável para cada grupo onde ele está. É estável uma vez acrescentada as invariantes vinculares. Mas então não sabemos mais se o aparelho psíquico esta dentro de nossa cabeça. Pois se estivesse, seria estável independentemente dos lugares onde ele estivesse. E certamente tem uma parte que está dentro de nossa cabeça e é estável; seria sempre igual. Mas, e se o aparelho psíquico não mudasse, como justificariamos a longa tradição de atendimentos, de educação, reeducação? Então vemos que não é possível conseguir a estabilidade do objeto para aplicar um modelo a ele; então não é possível dar conta do critério de refutabilidade. Onde esta o problema, como pode o aparelho psíquico ter uma área instável e outra, muito menos instável? Parece que temos de definir quando ele é estável e quando não é. Quando é estável, a palavra *Destino* vale, quando não é, nada feito, mas o que é que fica feito, também não é claro. Acontece que na medida que se vai colocando mais e mais condições, acabamos abandonando regras gerais – condição para a ciência – e vamos nos aproximando do particular, do sujeito; um sujeito para cada tempo e para cada vínculo. A única teoria geral possível seria a do movimento do qual o sujeito propriamente dito tenta escapar. E continuará sendo sempre a do auto-engendramento, dos processos identificatórios do mundo interno e suas relações objetais (internas), que aparece na compulsão a repetição como *Destino*. Onde sempre cabe o sujeito, esse particular, o da *Escolha*? Na linguagem, pois é ela que faz os mitos e as religiões. Tem coisas que só *existem* na linguagem. *Sujeito* não deve ser

pensado conforme Badiou: Para haver sujeito é necessário eventos que são frutos do *acaso* e ligados a noção de *indecidível*. O fato de que um evento seja indecidível faz com que apareça um *Sujeito* do evento: *Escolha* e *aposta* estão ligadas a esta idéia de *Sujeito*.

Talvez o mestre da tensão entre *Escolha*, *aposta* e *Destino* seja Franz Kafka<sup>5</sup>. Kafka<sup>6</sup> tem vários micro-contos no entorno do tema: Um deles lembra muito bem a mito de Palinuro.

*Comprovação de que mesmo meios insuficientes, e até infantis, podem conduzir à salvação.*

*A fim de proteger-se das sereias, Ulisses entupiu os ouvidos de cera e mandou que o acorrentassem com firmeza ao mastro. É claro que, desde sempre, todos os viajantes teriam podido fazer o mesmo (a não ser aqueles aos quais as sereias atraíam já desde muito longe), mas o mundo todo sabia que de nada adiantava fazê-lo. O canto das sereias impregnava tudo -- que dirá um punhado de cera --, e a paixão dos seduzidos teria arrebatado muito mais do que correntes e mastro. Nisso, porém, Ulisses nem pensava, embora talvez já tivesse ouvido falar a respeito; confiava plenamente no punhado de cera e no feixe de correntes, e, munido de inocente alegria com os meozinhos de que dispunha, partiu ao encontro das sereias. As sereias, porém, possuem uma arma ainda mais terrível do que seu canto: seu silêncio. É certo que nunca aconteceu, mas seria talvez concebível que alguém tivesse se salvado de seu canto; de seu silêncio, jamais. O sentimento de tê-las vencido com as próprias forças, a avassaladora arrogância daí resultante, nada neste mundo é capaz de conter. E, de fato, essas poderosas cantoras não cantaram quando Ulisses chegou, seja porque acreditassem que só o silêncio poderia com tal opositor, seja porque a visão da bem-aventurança no rosto de Ulisses -- que não pensava senão em cera e correntes -- as tenha feito esquecer todo o canto. Ulisses, contudo, e por assim dizer, não lhes ouviu o silêncio; acreditou que estivessem cantando e que somente ele estivesse a salvo de ouvi-las; com um olhar fugaz, observou primeiro as curvas de seus pescoços, o respirar*

##### **5 Franz Kafka, 23 de outubro de 1917 - tradução inédita de Sérgio Tellaroli.**

6 “Não sou o timoneiro?” – exclamei. “Você?” – disse um homem alto e escuro e esfregou as mãos nos olhos como se espantasse um sonho. Eu estive ao leme na noite escura, a lanterna ardendo fraca sobre minha cabeça e agora vinha esse homem e queria me pôr de lado. E já que eu não me afastava, ele calçou o pé no meu peito e me empurrou para baixo devagar enquanto eu continuava agarrado aos raios do leme e na queda o tirava completamente do lugar. Mas o homem o pegou, colocou-o em ordem e me empurrou dali com um tranco. Eu, porém me recompus logo, corri até a escotilha que dava para o alojamento da tripulação e gritei: “Tripulantes. Camaradas. Venham logo. Um estranho me expulsou do leme “. Eles vieram lentamente, subindo pela escada do navio, figuras possantes que cambaleavam de cansaço “. Não sou o timoneiro?” – perguntei. Eles assentiram com a cabeça, mas seus olhares só se dirigiam ao estranho; ficaram em semicírculo ao redor dele e, quando ele disse em voz de comando: “Não me atrapalhem”, eles se juntaram, acenaram para mim com a cabeça e voltaram a descer pela escada do navio. Que tipo de gente é essa? Será que realmente pensam ou só se arrastam sem saber para onde sobre a terra?

##### **A Partida**

Ordenei que tirassem meu cavalo da estrebaria. O criado não me entendeu. Fui pessoalmente à estrebaria, selei o cavalo e montei-o. Ouvi soar à distância uma trompa, perguntei-lhe o que aquilo significava. Ele não sabia de nada e não havia escutado nada. Perto do portão ele me deteve e perguntou: – Para onde cavalga senhor? – Não sei direito – eu disse –, só sei que é para fora daqui, fora daqui. Fora daqui sem parar; só assim posso alcançar meu objetivo. – Conhece então o seu objetivo? – perguntou ele. – Sim – respondi – Eu já disse: “fora-daqui”, é esse o meu objetivo. – O senhor não leva provisões – disse ele. – Não preciso de nenhuma – disse eu. – A viagem é tão longa que tenho de morrer de fome se não receber nada no caminho. Nenhuma provisão pode me salvar. Por sorte esta viagem é realmente imensa.

*fundo, os olhos cheios de lágrimas, a boca semi-aberta; mas acreditou que tudo aquilo fizesse parte das árias soando inaudíveis ao seu redor. Logo, porém, tudo deslizou por seu olhar perdido na distância; as sereias literalmente desapareceram, e, justo quando estava mais próximo delas, ele já nem mais sabia de sua existência. Elas, por sua vez, mais belas do que nunca, esticavam-se, giravam o corpo, deixavam os cabelos horripilantes soprar livres ao vento, soltando as garras na rocha; não queriam mais seduzir, mas somente apanhar ainda, pelo máximo de tempo possível, o reflexo dos grandes olhos de Ulisses. Se as sereias tivessem consciência, teriam sido aniquiladas então; mas permaneceram: Ulisses, no entanto, escapou-lhes. Dessa história, porém, transmitiu-se ainda um apêndice. Diz-se que Ulisses era tão astuto, uma tal raposa, que nem mesmo a deusa do Destino logrou penetrar em seu íntimo; embora isto já não seja compreensível ao intelecto humano, talvez ele tenha de fato percebido que as sereias estavam mudas, tendo então, de certo modo, oferecido a elas e aos deuses toda a simulação acima tão-somente como um escudo.*

Esta composição do aparelho psíquico como linguagem traz o problema de que o aparelho psíquico pode ter sua forma modificada pelo seu conteúdo. Se quisermos um matema para imaginar isso seria como a Cinta de Moebius: forma e conteúdo acabariam num mesmo plano. Os kleinianos fizeram isso quando consideraram que as defesas são fantasias inconscientes e secundarizaram as tópicas do aparelho psíquico. O aparelho é composto, formado pela linguagem; esse é que é o problema; ela impregna tudo: *O canto das sereias impregnava tudo - que dirá um punhado de cera* E é a linguagem mesma que regula a senso-percepção, é nela onde estão os juízos; o de realidade inclusive. Por isso que a pior arma, o canto mais forte é o silêncio. No texto inicial sobre as sereias temos os três grandes momentos humanos: o movimento – do barco e seu impedimento ao amarar Ulisses no mastro – o canto e a audição, e a visão. *É certo que nunca aconteceu, mas seria talvez concebível que alguém tivesse se salvado de seu canto; de seu silêncio, jamais.* A audição e o superego normativo, marcador da distância do olhar. Parece haver um embate antigo entre a palavra e a visão. Entre Narciso e Eco. Afinal, a Igreja Ocidental separou-se da Oriental com o cisma de que deus era palavra e não poderia ser representado – *figurado* – e como palavra ele não tem significado. Ele é enquanto palavra. Mas é claro que não devemos esquecer que tudo isto é para armar o lugar das cordas e do movimento (poder) que se expressa no embate entre a palavra e a figurabilidade, com sua arma, *a visão da bem-aventurança no rosto de Ulisses.* Sem dúvida, o visual antecede em muito às palavras; Ulisses oferece seu olhar bem aventurado e as sereias sabem que não adianta o canto: *E, de fato, essas poderosas cantoras não cantaram quando Ulisses chegou, seja porque acreditassem que só o silêncio poderia com tal opositor, seja porque a visão da bem-aventurança no rosto de Ulisses - que não pensava senão em cera e correntes - as tenha feito esquecer todo canto.* Será que tudo o que as palavras querem é *somente apanhar ainda, pelo máximo de tempo possível, o reflexo dos grandes olhos de Ulisses.* É clássico que o ideal de ego seja visual e o superego, auditivo, verbal, palavras. E o que Ulisses escolhe é passar o *Destino* ao futuro, a Telêmaco; por isso ele se opõe, como homem trágico ao homem culpado, Édipo. Este sim, o homem culpado está preso ao seu *Destino*. E ao fugir dele é arrastado por ele. Para safar Ulisses, *via* que cantavam. *Ulisses, contudo, e por assim dizer, não lhes ouviu o silêncio; acreditou que estivessem cantando e que somente ele estivesse a salvo de ouvi-las; com um*

*olhar fugaz, observou primeiro as curvas de seus pescoços, o respirar fundo, os olhos cheios de lágrimas, a boca semi-aberta; mas acreditou que tudo aquilo fizesse parte das árias soando inaudíveis ao seu redor.*

A questão pode colocar-se noutra nível: Sobre a imersão e desaparecimento na *alingua*, corpo materno, representado pelo negado, pelo corpo de peixe das sereias e pelo pai mastro que prende e não deixa retornar ao corpo materno. Interessante que esta metáfora também esta na luta por uma mulher – Helena e no próprio Cavalo de Tróia. Ulisses está envolvido na Guerra de Tróia, pois quis que Telêmaco tivesse futuro. Interessava-lhe Penélope na medida em que sua condição de mulher a fazia mãe. Veja a diferença com Édipo, Jocasta e Laio. Ulisses desafiou o *Destino* por Telêmaco e Laio fugiu dele... E o encontrou. Chegamos a um ponto curioso: a função paterna encerra uma contradição curiosa; ela é responsável pela Lei, mas também pela *Escolha*. Mas a memória para ser evocada com facilidade depende da palavra: *Logo, porém, tudo deslizou por seu olhar perdido na distância; as sereias literalmente desapareceram, e, justo quando estava mais próximo delas, ele já nem mais sabia de sua existência.* Por isso que se diz que só se é, porque existe a palavra ser. Então, nosso *Destino* está na *alingua* e nossa *Escolha* – liberdade, arbítrio, aposta - no horizonte visual. Uma hipótese interessante seria a de que o *Destino* se regule pela culpa enquanto a *Escolha* e a liberdade, pela figurabilidade e pela vergonha. Digamos que explicaria a pouca exposição dos corpos nas concepções onde Deus é palavra, *Destino* em oposição a nossa cultura ocidental, onde estamos mais às voltas com a *Escolha*. Isso cria um problema teórico interessante, pois coloca a culpa e a vergonha lado a lado como reguladores do aparelho psíquico, respectivamente na intra-subjetividade e na intertransjetividade.

Finalmente, mais conceitos ligados a *Escolha*: *Vértice* e *Caesura*; afinal, se com Agostinho, só temos um tempo, o presente, todo o *Destino* que teríamos vivido e vivido, num lapso, num raio de luz pode se desfazer, e outro será o passado e outro o futuro e outro o *Destino*... *Dessa história, porém, transmitiu-se ainda um apêndice. Diz-se que Ulisses era tão astuto, uma tal raposa, que nem mesmo a deusa do Destino logrou penetrar em seu íntimo; embora isto já não seja compreensível ao intelecto humano, talvez ele tenha de fato percebido que as sereias estavam mudas, tendo então, de certo modo, oferecido a elas e aos deuses toda a simulação acima tão-somente como um escudo.*

A tensão entre o *caos*, acontecimento e a *ordem*, estrutura é a mais antiga vertente dos dois grandes horizontes do pensamento humano. Tensão entre o *Destino*, o *Fado* e a *Escolha* com sua conseqüência de liberdade e responsabilidade e humanidade. Essa tensão entre *Destino*<sup>7</sup> e *Escolha* esta em

7 Cântico Negro - José Régio

"Vem por aqui" --- dizem-me alguns com olhos doces, /Estendendo-me os braços, e seguros/De que seria bom se eu os ouvisse/Quando me dizem: "vem por aqui"./Eu olho-os com olhos lassos, /(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)/E cruzo os braços, /E nunca vou por ali.../A minha glória é esta: /Criar desumanidade./Não acompanhar ninguém./--- Que eu vivo com o mesmo sem-vontade/Com que rasguei o ventre a minha mãe./Não, não vou por aí. Só vou por onde/Me levam meus próprios passos.../Se ao que busco saber nenhum de vós responde, /Por que me repetis: "vem por aqui?" /Prefiro escorregar nos becos lamacentos, /Redemoinhar aos ventos, /Como farrapos, arrastar os pés sangrentos, /A ir por aí.../Se vim ao mundo, foi/Só para desflorar florestas virgens, /E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada./O mais que faço não vale nada./Como, pois, sereis vós/Que me dareis machados,

todo o tempo e em todos os lugares: *Herege* - palavra que diz dos mal-ditos e mal-vistos - significa *aquele que escolhe*. **Herética<sup>8</sup>. Ímpia! Vá à igreja benzer-se. O diabo vive no teu corpo.<sup>9</sup>**

Platão, no mito da caverna, na República, recuperou a noção antiga – inclusive para o seu tempo, perto de 400 anos AC. - de que os deuses brincam<sup>10</sup> conosco determinando nossos *Destinos*. Separou um mundo perceptivo, fugaz, sub-lunar de um mundo intelectual, esse do tempo em que éramos também deuses, ou convivíamos com eles. Existe uma ordem no mundo uma grande ordem, o mundo marcha para algum lugar e o nosso intelecto é capaz de descreve-la com algumas poucas equações matemáticas (Descartes, Pascal, Spinoza, Galileu). Aristóteles introduziu um pouco de caos com os métodos empiristas que determinam que se observe. Aliás, por mais que o empirismo seja denegrido, ele tem essa notável vantagem: Exige do observador um esforço intenso para se desfazer de suas teorias, seu *Destino* prévio. Mas isso demorou mais de mil anos. Toda Idade Média centrou-se no problema da *res* (coisa) e da *nomina*. Se a ordem a que se referia Platão, estava nas coisas mesmas ou se era um produto da linguagem, da cognição... Com a consequência que daí Deus seria *nomina*... No nosso tempo a oposição entre a obra de Hegel e a dos existencialistas fenomenólogos ou não, tem este mesmo tom. O lastimável disso é não vermos que a nossa *noesis* tem origem na velha religião; que o animismo mesmo já é um esforço para conhecer e ordenar o mundo onde estrutura e rito são assemelhados. Daí dizer-se que o conhecimento e a paranóia são parentes, talvez primos irmãos.

E não avançamos nada além desse esquema: Freud deslocou o *Destino* para o inconsciente... Marx para as superestruturas... Chomsky para a estrutura profunda... Lacan para a estrutura (linguagem). Bion reconheceu que os que identificaram as estruturas, os mitos que nos governam deveriam ser chamados de gênios. Mas talvez o nosso tempo tenha conseguido alguma idéia para o problema, exatamente como quando descrevemos nosso genoma e olhamos os algoritmos que nos compõe, os deuses que brincam conosco. Agora sabemos que essa dependência extrema que temos de uma ordem no mundo, esse medo da escuridão sem Deus, vem de um resquício animista em que, pela nossa fetalização como bebês humanos, somos extremamente, desamparados, dependentes e todo o desejo é desejo do outro. Essa *mimesis* do mundo persiste. Mas, junto com o Poeta, poderíamos ser acusados de não

---

ferramentas, e coragem/Para eu derrubar os meus obstáculos?.../Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós, /E vós amais o que é fácil./Eu amo o Longe e a Miragem, /Amo os abismos, as torrentes, os desertos.../Ide. Tendes estradas, /Tendes jardins, tendes canteiros, /Tendes pátrias, tendes tectos, /E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios./Eu tenho a minha Loucura./Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura, /E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios.../Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém./Todos tiveram pai, todos tiveram mãe; /Mas eu, que nunca principio nem acabo, /Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo./Ah, que ninguém me dê piedosas intenções./Ninguém me peça definições./Ninguém me diga: "vem por aqui"./A minha vida é um vendaval que se soltou./É uma onda que se levantou./É um átomo a mais que se animou.../Não sei por onde vou, /Não sei para onde vou, /Sei que não vou por aí.

<sup>8</sup> Do grego *hairetikós*, diz-se daquele 'que escolhe', pelo latim *haereticu* e pelo provençal *eretje*. A palavra começou a ser usada para distinguir os Anabatistas – Mennonites, Amish. Hutterites – dos Católicos e justificava a morte na fogueira após tortura. Para os primeiros só pode haver crença e só pode haver fé se houver *Escolha*, isto é, o sujeito só pode ser batizado se for adulto.

<sup>9</sup> Geraldo França de Lima, *Branca Bela*, p. 53.

<sup>10</sup> Mas devagarzinho estamos nos vingando, pois já dominamos nosso genoma.

ter fé, de sermos incrédulos. <sup>11</sup>**Essa incredulidade, esse cepticismo**<sup>12</sup> **apaga a fé.**

A *loucura* é francamente relacionada à liberdade e ao novo, aos caos; veja-se José Régio:

***Eu tenho a minha Loucura.  
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,  
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...***

E a semelhança com Lacan e o movimento surrealista:

***...longe da loucura ser um fato contingente das fragilidades de seu organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência. Longe de ser para a liberdade um insulto, ela é sua mais fiel companheira, e acompanha seu movimento como uma sombra.***

Temos dois temas fundamentais para o estudo do *Destino* nestes micro-contos do Kafka nesta poesia do Régio. No primeiro é o de **quem** é o timoneiro e no segundo, do cavaleiro (que parte) e do criado (que fica) é o de **ir, porquê ir** e só depois **aonde ir** e **como ir**. No primeiro temos um grupo e o sujeito de um grupo e no segundo temos o senhor e o escravo, mas a temática é a mesma; interessa que alguém **deseje**, o que não pode acontecer é o silêncio, interessa que alguém **deseje** ir. O problema do **aonde** ir está bem ilustrado por Américo Vespúcio, o navegador, que deu nome a América e Colombo, o Chefe, à Colômbia. Imaginemos, aquele mar imenso e ele só se garantindo nos mapas daquele tempo. Essa é a tarefa analítica por excelência. E, bem antes e mais relevante, a da vida. O problema do ir, do ter de ir é resolvido de modos diferentes. É estranho como estas coisas se resolvem nas etnias e as explicações migratórias pela busca de provimentos não explicam muito. Os judeus querem ir para *Eretz Israel*, a Terra de Israel; os nossos índios do norte do estado, os *kaigangues*, acham que a terra onde nasceram é o umbigo deles e vivem para ficar num lugar, ou voltarem para o lugar onde nasceram. Se saírem dali, ficam sem a fonte de vida e morrem. Temos os nossos tupis que migram sempre e sempre buscando uma *Terra Sem Males*. Uma *Terra Sem Males*.

Interessa observar a existência de dois sistemas auto-engendrados relacionados ao objeto, que nos seus extremos são responsáveis pela melancolia e pela mania. No primeiro, o sujeito fica prisioneiro do objeto introjetado e não consegue mudar nada: *Destino*, sem *Escolha*. No segundo, o sujeito é só *Escolha* e substitui rapidamente os objetos: *Escolha*, sem-*Destino*. De qualquer modo, quando operam fixos, quaisquer destes sistemas, sempre será *Destino*. Essa era a prisão de Kafka tão bem expressa no *Processo*, no *Castelo* e, finalmente, no relato acabado do definimento de seu corpo na

11 Joaquim Manuel de Macedo, *Os Romances da Semana*, p. 251.

12Na Antigüidade, designação das doutrinas dos filósofos gregos Pírron, Carnéades, Enesidemo e Sexto Empírico (III AC), caracterizada pela adoção do princípio da antilogia que, no plano moral, conduzia à ataraxia. Carneades (214? -129 AC) nasceu em Cyrene (atualmente, Shahhat, Líbia), estudou estoicismo em Atenas e mais tarde fundou a Nova ou Terceira Academia, uma extensão da Velha Academia de Platão. Em 155 AC foi enviado como membro de embaixada para Roma. Mas o estadista romano Cato, o Velho, convenceu o Senado a expulsá-lo com o argumento de que suas idéias sobre o cepticismo afirmando que *o conhecimento é impossível e de que não existe critério para o que seja a verdade* poderiam ser perigosas para a **Jovem** Roma.

Colônia Penal. *Que tipo de gente é essa? Será que realmente pensam ou só se arrastam sem saber para onde sobre a terra? É o mesmo que A viagem é tão longa que tenho de morrer de fome se não receber nada no caminho. Nenhuma provisão pode me salvar. Por sorte esta viagem é realmente imensa. A Escolha propriamente dita, necessariamente, tem de estar ligada a transformações do narcisismo, à posição depressiva, aquela do Sentimento de Solidão, onde se reconhece a Transitoriedade e se busca a Criatividade.*

***EU...***

***Florbela Espanca***

***Eu sou a que no mundo anda perdida,***

***Eu sou a que na vida não tem norte,***

***Sou a irmã do Sonho, e desta sorte***

***Sou a crucificada... a dolorida...***

***Sombra de névoa tênue e esvaecida,***

***E que o Destino amargo, triste e forte,***

***Impele brutalmente para a morte.***

***Alma de luto sempre incompreendida....***

***Sou aquela que passa e ninguém vê...***

***Sou a que chamam triste sem o ser...***

***Sou a que chora sem saber por quê...***

***Sou talvez a visão que Alguém sonhou,***

***Alguém que veio ao mundo pra me ver,***

***E que nunca na vida me encontrou.***

***O Eu, o outro, o Outro: Penso onde não sou e sou onde não penso. Penso com a alma. Sou desejo de um desejo e só por isso sou.***

Um fato curioso decorrente da teoria que fixa regularidades estruturais é o de que sempre achamos o que queremos encontrar. Talvez essa seja a diferença entre teorias refutáveis e não refutáveis, onde, as primeiras, seriam científicas, pois para a refutação precisamos de modelos e as outras não. Neste segundo grupo inclui-se a teoria da evolução e as várias psicanálises ou psicologias psicanalíticas – do id, ego do self. A consequência prática disso é que o uso de muito *memória* e de muito *desejo* bloqueia novas descrições. Se dissermos que nada humano pode ser descrito fora da perspectiva do Mito de Édipo; que, fora do Édipo, não seríamos suficientemente humanos para sermos psicóticos, necessariamente estamos usando uma rede cognitiva que atira uma regularidade estrutural em tudo. Platão achava que as regularidades, que a ordem de fato pertencia ao mundo... Aristóteles disse que ela estava dentro de nossa cabeça... E agora impomos a ordem de nossa cabeça ao mundo. Esta ordem é pré-teórica, pois o que esta em exame é a descrição mesma. Não é a previsibilidade que exige refutabilidade e modelos. A descrição mesma implica em estabilidade, repetição e previsão. Demora muito então para que se suponha que o mito que fundamenta o humano não é só o de Édipo, talvez o Mito de Ulisses, onde o humano não é uma reação aos *instintos* seja mais relevante. E o de Édipo seria mais superficial e uma consequência do fracasso de Ulisses em dar conta de um mundo demasiadamente destrutivo. Diz-se que

quem descobre algum sistema de redes que nos determina é *gênio* e podemos descrever o humano como um sistema regulado por vários mitos, se quisermos evitar a abordagem formal estrutural.

Tudo isso para explicar que nada há de humano que não esteja às voltas com alguma vertente de Leis (*Destino*) e Liberdade (*Escolha*), indexadas positiva ou negativamente, mais ou menos. Outro modo de dizer disso, o dito da segunda tópica, é dizer que lá estão no Ideal de Ego e no Super-Ego, ou no Devir que é que mais da conta do humano... Essa caminhada para algum lugar que é a nossa mais preciosa peculiaridade. Não há um gesto nosso que não contenha então uma resposta sobre o *Destino* e sobre a *Liberdade*. Nada podemos fazer que não tenha em si as Quatro causas da Metafísica. Esta é uma descrição, mas pode ser ela mesma quem tem moldado o humano que só faz se ocupar de pensar estes pensamentos que estão fora de nós. Sempre esquecemos o longo período de fetalização pós-nascimento e seus muitos momentos maturativos e dependências, onde a forma, o colorido da idealização, com miríades de conteúdo, deixa em nós como último e definitivo resquício a idéia de Deus. E nos julgamos especiais, pois Ele é Uno em oposição aos muitos do Animismo. Isto para dizer que podemos encontrar a tensão entre *Liberdade* e *Destino* em qualquer gesto humano, de maior ou menos complexidade, eis que só podemos ser descritos no futuro, mas nossas teorias só dão conta do passado, descrito no presente por modelos acrônicos.

*Eu sou a que no mundo anda perdida,  
Eu sou a que na vida não tem norte,  
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte  
Sou a crucificada... a dolorida...  
Sombra de névoa tênue e esvaecida,  
E que o Destino amargo, triste e forte,  
Impele brutalmente para a morte.*

Florbela descreve bem o vazio – a experiência contemporânea por excelência de dor psíquica – da dificuldade com os ideais, com o futuro, com o aonde chegar. Este vazio retira de nós a experiência de estarmos vivos, borra os limites do colorido da vida e torna nossa caminhada na vida uma experiência viscosa de mosca no mel. O que é que faltou? O desejo de um desejo. Desejo de um desejo é a experiência que temos de que alguém desejou que sejamos. Que desejou que desejemos. É a vivência de que alguém foi empático e se misturou conosco.

*Alma de luto sempre incompreendida....  
Sou aquela que passa e ninguém vê...  
Sou a que chamam triste sem o ser...  
Sou a que chora sem saber por quê...*

A agonia da busca de compreensão (empatia, desejo), ser vista (empatia) delata a agonia de um *self* vivo que busca ser legitimado, visto para resgatar sua estabilidade, coesão e colorido e experiência de unidade autônoma, de ser.

No final, um arremate magistral:

*Sou talvez a visão que Alguém sonhou,  
Alguém que veio ao mundo pra me ver,  
E que nunca na vida me encontrou.*

É claro aqui que o *sujeito* não existe como plenitude. Ele é representado (ou representa) pelo *Alguém*. O *outro*, o *Outro*, o *significante*, o *nome-do-pai*... O sujeito **Sou** é representado (ou representa) por um significante **a visão que Alguém sonhou** para um outro significante que não é encontrado... E nunca será... Esse é o *sujeito paranóico* moderno. Penso onde não sou e sou onde não penso. Miseravelmente dividido entre duas *noesis*, dois conhecimentos que não se encontram.

Florbela acrescenta uma vertente interessante e muito vitalizada, viva. A idéia da busca do outro, do encontro como completude para o ser. O *outro* como **Alguém** que vê, admira. **Alguém que veio ao mundo pra me ver**. Aqui estamos as voltas com uma forma, um brilho, algo como uma música, um movimento, uma moção, um afeto, sem *estrutura* e sem *conteúdo*. Talvez sem *objetivação*, ou de *objetificação* impossível. E este encontro é um encontro necessário para que possamos suportar a dúvida que se instala com a nossa divisão fundante. Florbela<sup>13</sup> denuncia sua falta de especularidade, de espelhamento e o vazio que daí decorre.

Raul Seixas poderia ser chamado de o Poeta da Patologia do Vazio<sup>14</sup> da Pós-Modernidade. Sem dúvida é um exemplo de um final com a vitória da viscosidade, da ausência do novo, da ausência do acaso, do acontecimento, da

13 No último ano de vida elabora um Diário, onde deixará anotações até escassos dias antes do trágico fim. Logo no início explica não ter qualquer objetivo ao escrevê-lo. Pouco depois do começo espera que **quando morrer é possível que alguém ao lê-lo se debruce com um pouco de piedade, um pouco de compreensão, sobre o que foi ou julgou ser. E realize o que eu não pude: conhecer-me. "Viver é não saber que se vive"**. No final as anotações são cada vez mais raras e curtas; afirma que as cartas de amor que escreveu resultavam apenas da sua necessidade de fazer frases. Interroga-se "que importa o que está para além?" Responde, repetindo o que diz no soneto A um moribundo: seja o que for será melhor que o mundo e que a vida. A morte anunciada ao longo da sua escrita ocorrerá pouco depois. Põe fim à vida em 8 de Dezembro de 1930, dia em que faz trinta e seis anos, em Matosinhos, onde vive. Aí é enterrada sendo mais tarde trasladada para a sua terra natal Com Florbela morre, não talvez a maior poetisa do seu tempo, mas uma das que mais agudamente e sem temor exprimiu as grandes contradições da sensibilidade feminina nas suas paixões. Ao mesmo tempo, com uma certa ingenuidade, impregnada das verdades simples ou complexas do que é a mulher, na convergência da cultura e do ser.

## 14 Caminhos - Raul Seixas

*Composição: Raul Seixas/Paulo Coelho*

Você me pergunta/ Aonde eu quero chegar/Se há tantos caminhos na vida/E pouca  
esperança no ar/E até a gaivota que voa/Já tem seu caminho no ar/O caminho do fogo é a  
água/O caminho do barco é o porto/O do sangue é o chicote/O caminho do reto é o torto/O  
caminho do bruxo é a nuvem/O da nuvem é o espaço/O da luz é o túnel/O caminho da fera é o  
laço/O caminho da mão é o punhal/O do santo é o deserto/O do carro é o sinal/O do errado é  
o certo/O caminho do verde é o cinzento/O do amor é o *Destino*/O do cesto é o cento/O  
caminho do velho é o menino/O da água é a sede/O caminho do frio é o inverno/O do peixe é  
a rede/O do pio é o inferno/O caminho do risco é o sucesso/O do acaso é a sorte/O da dor é o  
amigo/O caminho da vida é a morte./ "E você ainda me pergunta: /aonde é que eu quero

ocorrência. Digamos, a experiência da mosca na sopa, da mosca no mel. E do que acontece quando predomina a *estrutura* contra o *acontecimento*. O *caminho do acaso* não é a *sorte*, é o *Destino*. (**O do amor é o Destino**). (**O caminho da vida é a morte**). E a caminho da vida não é a morte. O caminho é a vida. O caminho do amor não pode ser o *Destino*.

**Você me pergunta**

*Aonde eu quero chegar*

**Se há tantos caminhos na vida**

**E pouca esperança no ar**

É muito raro uma expressão tão clara de vazio, de experiência de vida sem sentido como neste Poema. Este vazio também é modernamente chamado depressão. A contemporaneidade pode ser caracterizada como em *contradição* com os ideais, ao invés de em conflito ou *contrária* aos ideais. Não é uma oposição; é a permanência de duas normais, duas leis operando num mesmo tempo e lugar, como se dá no que chamamos perversão ou discurso paradoxal. Não se duvida de que existem muito caminhos, muitos lugares aonde se chegar, que a vida é o caminho, mas não há esperança, não há *ambição* que acione os *talentos* para os *ideais*. A ambição até aciona talentos notáveis como se dá com o Raul, mas não acrescenta vida e a mosca – a barata do Kafka – morre em movimentos convulsivos e repetidos e viscosos na sopa. Compulsão a repetição é o termo. Não se espera mais encontrar o olhar da mãe que *admira* como Raul está caminhando longe, quanta alegria há no novo. Esta repetição, estes automatismos estão relacionados à desvitalização, à morte, ao pó, à estabilidade inorgânica e, esteja o *self* ou pouco mais despedaçado, logo se acrescentaria um delírio de controle externo, a robotização do corpo. *Destino*, assim posto, e morte é o mesmo. Até mesmo o delírio num momento destes poderia ter um efeito protetor, por paradoxal que seja, protetor do corpo claro. Chegamos nas Patologias do Vazio. Vazio de quê? Vazio da experiência do *Sujeito*. O *Sujeito* só é entre dois eventos imprevisíveis, o *Sujeito* só é no acaso. Acaso significa que a mãe alegrar-se quando seu filho caminha para longe, deve alegrar-se quando ele deseja. Deseja não o seu desejo, mas deseja. Mas e que tragédia quando a mãe só sorri quando o filho caminha para longe. Tomara que ele sobreviva. A palavra *suficiente* é melhor para todas estas muito complexas medidas. Sem esta medida – *suficiente* – difícil conseguir a experiência de estar vivo; tudo o que buscamos.

Patologias do Vazio: Será mesmo esta uma característica da contemporaneidade? Isto está assim porque matamos Deus? Isto é próprio da retirada da *idealização* de Deus, que criamos e agora imitamos, e sua doação ao Homem? Questões interessantes.

A clínica parece sugerir, salvo melhor juízo, que privações precoces retiram toda a idealização que estava no *objeto* e a atiram sobre o conteúdo do

---

chegar, /se há tantos caminhos na vida/e pouquíssima esperança no ar. /E até a gaivota que voa já tem seu caminho no ar"/O caminho do risco é o sucesso/O do acaso é a sorte/O da dor é o amigo/O caminho da vida é a morte.

superego que, além disso, fica mal estruturado, pois assim há falha na estrutura controladora das pulsões. Essa combinação é que explica os obsessivos, dedicados a moral e a religiosidade, que roubam um dinheirinho das oferendas dos crentes... O ordenamento transubjetivo, cultural, institucional parece ter feito uso sistemático disso. Na evoluída cultura inglesa, até pouco, as crianças eram privadas dos pais quando do nascimento de irmãos. Um bom método para o *endurecimento* da personalidade e a formação de guerreiros. Quanto mais precoce o fenômeno maior a rigidez e mais *normal* o *sujeito* fica. Esparta foi quem desenvolveu a técnica que persiste em uso. Foram eles também quem concederam à biologia, à constituição física, pois selecionavam os recém-nascidos e só deixavam vivos os melhores fisicamente formados. Temos várias tentativas recentes em Israel e o Kibutz. O segredo parece estar em escolher bem o período da desidealização bem como a intensidade e o processo, de modo a preservar algum anseio de subjetivação, a manter alguma iniciativa em busca do caos e da incerteza, casa do *Sujeito*, onde mora com o que chamamos sua loucura.

A desidealização precoce, paradoxalmente, mantém o corpo vivo embora molde a carne como máquina, a serviço do transubjetivo. A mais tardia, embora atire o sujeito a *Escolhas*, prende-o a experiência de *self-objetos* às custas da luz emanada da *Escolha* e da subjetivação, mas agora na experiência intersubjetiva mais próxima do *sujeito* que Escolhe o *Destino*. Digamos que é no acaso da *subjetividade* dos pais, na família, que o *Sujeito* consegue ideais que escapem do transubjetivo. Alias, as noções de *Sujeito* moderno e de família andam juntas no tempo e são bem recentes. Dito de modo mais simples. Na falta de estruturas familiares, intersubjetivas, só sobra ao *sujeito* as transubjetivas. Mas não nos iludamos: A estruturação familiar é organizada pelo grupo. Existem regras anteriores às da família e que determinam o sistema de trocas entre elas. A *subjetivação* esta sempre a serviço do transubjetivo.

Que momento transubjetivo poderia explicar *subjetividades contraditórias* como estas – capaz de expressar este afeto transubjetivo - que reconhece caminhos, ideais, tem talentos, parte de seu narcisismo é derivado para a criatividade, mas denuncia que não vale a pena viver, pois não consegue, não tem esperança de encontrar seu *self-objeto*, de encontrar um sentido pelo qual valha a experiência de estar vivo?

## Conclusões

Como se vê, existem então três vertentes, conforme a tensão entre o ego e os ideais; talvez, mais propriamente uma quarta. A primeira, a que origina a depressão, que Freud denominaria melancolia – em que o ideal introjetado é *desejo de não desejo*, não é possível fazer a mãe sorrir por mais que se faça sempre haverá uma pena, uma dívida impagável, como se vê com Florbela Espanca e Raul Seixas e que é fatal para o ego – e o corpo. A segunda, a da liberdade – como se vê em Régio – em que o ideal deseja que o ego seja criativo, encontre seus caminhos. Caminho dele mesmo: É a saúde como conceito fundamentável de liberdade psíquica. A terceira é visível em

Kafka onde é evidente o esforço do ego para se despir da roupa do desejo do outro, onde o ego, saturado demais do outro, para conseguir a experiência de estar vivo necessita retirar os casacos pesados dos ideais – aqui esta o falso self, sobre-adaptados e, no extremo, os normopatas. A quarta e última vertente, não exemplificada, é uma variante da liberdade psíquica, do Régio. Em que momento liberdade e criatividade descambam para perversão? Note-se que Régio argumenta que o ontem não vai conseguir explicar o hoje; apenas isto. Esta quarta vertente se situaria na não aceitação do ontem – um ataque sistemático aos ideais e não relacionado à realidade. Isto que leva a recusa da diferença de gerações, sexos e criatividade – gerador de filhos inclusive - e é o que conhecemos, classicamente, como perversão.

Endereço do autor: [jfontanari@terra.com.br](mailto:jfontanari@terra.com.br)